



APRESENTAÇÃO

Nas fraturas, nos (re)modelamos: lutas, inquietações e (re)existências

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio*

Caetano Veloso (1997)

Diante das inquietações, o que nos resta é sentir. Agir no agora, (re)imaginando o passado e desestabilizando o presente. Para os povos Pano¹, não é possível mensurar o futuro pela mera sensibilidade do existir, que se configura na importância do tempo mítico, constituído na sensibilidade da não fixação identitária – um pretérito do possível, porém não cristalizado por não passar nem formalizar (VIVEIROS DE CASTRO, 2018). Bem, futuro e presente são algo só, pois carecem de estabilidade existencial (SOUZA, 2017), diferentemente do passado, ou das variadas formas de passado, que são entendidas como concretamente possíveis.

Mas, assim como os tempos presente e futuro nas línguas Pano, a ciência moderna não pode ser compreendida como uma (re)imaginação do que parece passar, por se tratar de uma produção discursiva? Em outros meandros, usamos as artes para se chegar ao futuro e realizar nuances do presente. Pelas artes, conseguimos projetar e criar espaços de ação que são baseados no aqui/agora do sujeito. E, por isso, entendendo que a prática científica é uma invenção, discursivamente possível, que temos possibilidades de questionar o presente como algo natural, cuja essência não pode ser repensada.

Desse modo, no bojo da produção discursiva, afirmamos que o presente (ou o que pensamos ser o presente), não está fácil. Estamos em total falta de sintonia entre o eu e o outro, levando-nos a uma ironia existencial: não somos dependentes dos outros para nos tornarmos humanamente passíveis de nossas

¹ Algumas línguas indígenas, localizadas em diversos territórios na região Norte do Brasil, são classificadas como pertencentes à Família Pano (SOUZA, 2020).

realizações? A urgência por uma vida sustentável, em que homem e natureza se compreendam como um elemento único da existência, entrelaçados, é uivada aos quatro ventos para alertar aos desavisados que se não tomarmos uma atitude, iremos morrer.

A Terra está em estado de inanição, bem como os quereres dos humanos frente ao que é a nossa própria existência. Sem natureza, morreríamos; sem humanos, a natureza até se beneficiaria, mas, na sua própria constituição, o homem se tornou necessário a ponto de hoje não podermos mais distinguir quem é quem. Ou distinguimos? Afinal de contas, somos fruto de um modelo de desenvolvimento que separa homem e natureza em uma lógica racional de produção de conhecimento que se consubstanciou em uma mercantilização das ideias, em que a “Espanha tinha a vaca, mas os outros tomavam o leite” (GALEANO, 2019, p. 43).

A força, a inteligência, a astúcia, a sensibilidade se tornaram vendáveis, impossibilitando que a mera humanização, como prática de amor ao outro, cedesse lugar à venda dos afetos. Humanizar-se deixou de ser algo próprio para a existência em um mundo com outras pessoas para se tornar uma prática de compra e venda por meio do capital: “esse ser humano é o ser super-humano” (BENJAMIN, 2013, p. 22). O homem passa, no capitalismo, a ser visto a partir de sua capacidade de transcender a própria compreensão transcendental da Divindade.

Nesse sentido, aprendemos a nos destroçar, aprendemos a perder a nossa capacidade de refletir sobre nós e sobre/com os outros e, principalmente, aprendemos diferentes formas de não nos sensibilizar diante da barbárie, com foco na antropomorfização do ser. Humana e não humano passaram a ser entendidos como lados de uma moeda, dicotomicamente passíveis de uma inserção - de várias formas de violência - do primeiro sobre o segundo. A compreensão de que não somos parte de um cosmos, intrinsecamente conectados, nos possibilita o acesso à autodestruição, resultando no esfacelamento do eu e, por conseguinte, do outro.

Diferentemente dessa percepção de existência, distintos povos indígenas no Brasil aprendem com os não humanos (XIXINAWA, RAUWEYA, WEDE, DAWA, INENAWA, SOUZA, 2020), os quais ensinaram para esses povos as formas de fazer sexo, de comer, de tear, de caçar, de pescar etc., ou seja, de modo oposto à lógica moderna da produção de práticas sociais, no espontâneo ponto de vista humano, as sociedades indígenas promoveram a sensibilização das práticas de outras potencialidades de existências, consideradas na tipologia judaico-cristã e na classificação da ciência moderna como seres não humanos (SANTOS, 2021). Assim, dentro dessas tipologias e classificações, aprendemos a pensar longe do animal, longe do invisível, pois tínhamos de ter uma relação direta com a ideia do concreto.

Como afirmamos, a ausência de luz no fim do túnel parece algo inatingível. Aprendemos a entender que ela, a luz, não existe e, portanto, temos de seguir o único prisma da existência moderna: as práticas sociais intermediadas pelo capitalismo. Contudo, nós aprendemos a aprender e, por isso, podemos ter consciência de nosso “inacabamento” (FREIRE, 1996). Aceitar que a vida é um *transcurrir* que marcha apressadamente em direção a um caminho que finda em *la mar*, convida-nos a apreciar *los mundos sutiles, ingravidos y gentiles*, a ver o mundo e a (nós)outros de forma mais humana (MACHADO, 2009). Compreender que é possível aprender a aprender, ou aprender a desaprender (FABRÍCIO, 2006) facilita pensarmos para além de uma incólume social que impede os diferentes olhares e percepções de mundo. Não seria o caso de olharmos para outras formas de existir para nos ajudar a pensar a nossa própria existência? Entendemos, assim como Ailton Krenak, que os povos indígenas nos convidam a essa experiência:

As andanças que fiz por diferentes culturas e lugares do mundo me permitiram avaliar as garantias dadas ao integrar esse clube da humanidade. E fiquei pensando: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?”. Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária? (KRENAK, 2019, p. 8).

Somos tão colonizados a ponto de considerarmos ser melhor aquilo que está além-mar, ignorando (ou não atribuindo importância) ao que está em nosso entorno. Respeitamos, na maioria das vezes, a produção externa de conhecimento ao invés de dialogar com essa produção. Aceitamos o “de fora” sem qualquer tipo de questionamento, pois aprendemos - de novo o verbo aprender - a não dialogar.

É na tentativa de se pensar o “local” diante das diferentes incertezas advindas dos meandros que pautam qualquer discussão, que, no ano de 2021, o Grupo de Estudos em Análise do Discurso e Ensino de Línguas/GEADEL promoveu dois eventos, ambos realizados de maneira remota devido à pandemia pelo Covid-19, na Universidade Federal do Acre/Ufac. Os eventos contaram com a participação de professores/linguistas aplicados/linguistas de diferentes instituições brasileiras e internacionais para discutir variados temas que envolviam o ensino de línguas por meio de dois fios condutores: a *decolonização dos saberes* e as *propostas de reflexão sobre formas de (re)existir diante de produções discursivas limitadoras, politicamente construídas para esse fim*. Assim, intencionando registrar, neste volume da Revista Geadel, os nomes que contribuíram para a realização desses eventos, cujo acesso assíncrono se dá em nosso Canal do Youtube (Grupo Geadel – UFAC)², destacamos os professores-pesquisadores participantes e o título de suas palestras:

² Todos os vídeos se encontram disponíveis no YouTube: https://www.youtube.com/channel/UCgeIf-IqMMU0Tcl2_5d8T7w

- i) Palestrantes e Palestras do **Diálogos Decoloniais e Ensino de Línguas**:³ Prof. Dr. Adolfo Tanzi Neto (UFRJ): Linguística Aplicada de Resistência: agência radical, transgressões e política e Prof. Dr. Ederson Luiz da Silveira (UFSC): Quanto vale um escravo hoje? Notas sobre a indignidade de falar pelos sujeitos infames (14/07); Prof. Dr. Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá (UFAC): A produção de materiais didáticos em língua Hãtxa Kuin: decolonizando a produção linguística e Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (UnB): Educação Linguística e sala de aula de português como língua adicional: perspectivas críticas e decoloniais (28/07); Profa. Dra. Fernanda Righi (Roger Williams University, US): Debates sobre o mito da democracia racial na aula de Estudos latinoamericanos nos Estados Unidos e Prof. Dr. Rubens Fernando de Souza Lopes (IFSP): Material didático como instrumento de decolonização: rompendo com as prescrições do Quadro Comum Europeu no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa (11/08); Profa. Dra. Jafte Dilean Robles Lomeli (Universidad de Sonora, México): “Un murmuro desde el olvido: la mujer en la literatura latinoamericana del siglo XXI” e Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz (UFAC): Escrivivências e etnografias do ensino: letramentos decoloniais de/em Conceição Evaristo (25/08); Prof. Dr. Rubens Lacerda de Sá (IFSP/UNIFESP): Decolonialidade, migração e discurso e Profa. Dra. Robéria Vieira Barreto Gomes (UFC): Educação Especial na perspectiva da Educação inclusiva: Políticas e práticas de formação docente (08/09); Profa. Dra. Angela B. C. Themudo Lessa (PUCSP): Tornar visíveis os invisíveis: diálogos pertinentes e Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan (Unicamp): O espírito decolonial e a aprendizagem de línguas hegemônicas (22/09); Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro (UEA): Personagens subalternas na obra de Milton Hatoum e Profa. Dra. Antonieta Heyden Megale (Unifesp/Instituto Singularidades): Interculturalidade: apontamentos conceituais e possibilidades para a educação bilíngue (06/10).
- ii) Palestrantes e Palestras do **IV Ciclo de Palestras do GEADEL**, com o tema “O discurso do ódio e as *fake news*: o que (não) aprendemos ao ataque às ciências”, ocorrido entre os dias 27 de outubro a 08 de dezembro de 2021: Prof. Dr. Luís Rodolfo Cabral (IFMA): FATO ou FAKE: apontamentos sobre o não-fato em Análise do Discurso (27/10); Profa. Dra. Roxane Rojo (Unicamp): Formação de formadores em uma perspectiva crítica de (multi)letramentos (16/11); Profa. Dra. Paula Tatianne C. Szundy (UFRJ): (Trans)Formando analistas de

³ Ambos os eventos foram organizados pela líder do Geadel, Profa. Dra. Grassinete C. de A. Oliveira, com o apoio dos demais professores membros do Grupo.

discursos críticos: multiletramentos digitais como atos éticos (17/11); Profa. Dra. Maximina Maria Freire (PUCSP): Ódio e *fake news*: a face obscura das redes sociais (01/12); Profa. Dra. Gabriela Claudino Grande – (UFMS): A construção de conhecimento no ensino superior através da identidade (08/12). Ocorreram também, no IV Ciclo de Palestras do Geadel, debates sobre as pesquisas em andamento de discentes do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Ufac – orientandas dos professores do Grupo Geadel – a partir dos comentários dos professores convidados: Profa. Dra. Andréa Martini (UFAC), Profa. Dra. Nina Rosa Araújo (UFAC); Prof. Dr. Shelton Lima de Souza (UFAC) e Prof. Dr. Selmo Apontes (UFAC) - (3/11 e 24/11).

Criamos, nesses eventos, possibilidades de conversar, entendendo que “a conversa” é uma das únicas formas que nós, professores/pesquisadores, temos em mãos diante de políticas de minimização e de instabilização das instituições universitárias. É por meio do diálogo, em ambientes de discussão discursivamente criados, que abrimos possibilidades de rever o consenso e construir espaços de interação para refletir sobre o dado. Entendemos a promoção do diálogo (em prosa, em verso), uma forma de (re)existência, na mesma linha apresentada por Juan Manuel Serrat, em *Cantares*, em seu álbum dedicado a Antonio Machado, na perspectiva de que para cada golpe um verso, golpe a golpe, verso a verso.

Além de professores convidados, os eventos tiveram a participação de diferentes pessoas de vários lugares que interagiram por meio de perguntas, considerações, perspectivas, reflexões, e colaboraram para conduzir espaços de construção de conhecimento. Nos eventos acadêmicos em que os desejamos não tão acadêmicos no sentido de haver a participação de um público diversificado, inclusive de não especialistas, tecemos oportunidades de socializar virtualmente com a intenção de as ações de luta não serem virtuais. A intenção de criarmos possibilidades de comprometimento com o humanizar-se, diferentemente da humanização moderna ou do que Walter Benjamin (2013) chama de “ser super-humano”, para se pensar formas de ação é fundamental.

Por meio da ação, em diferentes frentes, podemos investir na própria formação do agir sobre o agora e criar perspectivas sobre o futuro que possibilite nos sensibilizar diante de práticas de fortalecimento de pontos de vistas e verborragias que procuram impedir a própria construção de espaços de ser e existir. Consideramos isso como o ponto fulcral da universidade diante de políticas de esfacelamento dos diferentes seres e das próprias vontades de querer ser.

Essas políticas de esfacelamento, ou melhor, necropolítica, atuam não como um projeto para lutar pela autonomia, pela democracia, pelo respeito às diferenças, pela observação ao outro, pela alteridade, muito

pelo contrário, atuam cada vez mais pela instrumentalização da existência humana e pela destruição de corpos humanos e de populações (MBEMBE, 2013). Essa ruptura com o Estado Democrático de Direito, com a humanização, produz uma política - principalmente no atual governo - cuja morte é desafiada a cada minuto, a liberdade de expressão vira palavra vã, destituída de sentido e, como bem argumentado por Mbembe (2018, p. 146), experimentamos a condição permanente de “estar na dor”, isto é, no constante ataque às formas de saberes, nos espancamentos e assassinatos promovidos em nome da “Lei”, nos bloqueios de verbas destinadas à educação e à saúde, na falta de moradia digna aos brasileiros, de segurança respeitosa e ativa quanto aos direitos humanos, no desejo de colocar em muros e em grades os indígenas (KRENAK, 2019), os surdos (VARGAS; SOUZA, 2021), os negros (HOOKS, 2019), os exilados/migrantes (SOUZA; SILVA-ANTUNES), os LGBTQIA+ (BORBA, 2015), os pobres, os miseráveis e todos aqueles que desafiam a lógica de tempos sombrios.

Viver nestes tempos sombrios é compreender que o poder público utiliza da liberdade política para se retirar de suas obrigações fundamentais junto com a sociedade e promover, incessantemente, a morte do ser. Não se pode fugir dos tempos sombrios e, conforme bem argumentado por Arendt (2008), ao optarmos por ignorar, evitar e fugir dessa realidade, eles continuam a se expressar no mundo, continuam em fluxo e se espalham efetivamente com as nossas fugas, de modo a sermos assombrados pelas nossas escolhas. Fato é que vivemos no claro-escuro do caos que pressupõe a necessidade de compreendermos ser fundamental mediante essa velha ordem política que adota múltiplas formas de subversão das instituições democráticas, adotarmos uma nova ordem depois da crise (CASTELLS, 2018, p. 111).

Isso pode significar, conforme apresentado por Morin (2006), adotar uma reforma do pensamento que substitui um pensamento disjuntivo, que separa, que isola e é redutor por um pensamento complexo, que distingue e une, que é tecido junto. Transformar o pensamento não é tarefa fácil porque precisa estar aberto para o diálogo tenso e conflituoso que envolve o ser humano. É preciso estar aberto para a desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) como caminho para entender as crises da humanidade e buscar soluções para o próprio ser/fazer humano. E, assim como Arendt (2008), é acreditar ser por meio do diálogo entre as pessoas, no agir como ato responsável (BAKHTIN, 2010) que pessoas podem oferecer “alguma iluminação” em períodos “em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política” (ARENDR, 2008, p. 19).

De todo modo, assim como discutido por Castells (2018), a nossa experiência histórica nos mostra que aprender a viver no caos é menos nocivo do que nos conformarmos com a disciplina de uma ordem imposta por uma necropolítica (MBEMBE, 2018) que nos leva a autodestruição. E, já que não podemos e não devemos nos omitir de agir neste caos vivido em tempos sombrios, a nosso ver, há um caminho tortuoso

e pouco valorizado: **a educação**. O trabalho de uma educação política e ética impõe a tarefa de decolonizar as mentes e os corações. Romão e Gadotti (2012) aludem que a pedagogia freiriana deve ser entendida como um trabalho educativo pós-colonial de superação da ideologia colonial que continua viva em nossa cultura, em nossas mentes. E, como se faz necessária a luta social para a descolonização política, também é necessária a luta por uma outra sociedade, uma outra educação, com fins de nos libertar dos traumas coloniais e capaz de decolonizar nossas mentes.

Decolonizar as mentes pela educação política e ética pressupõe educadores capazes de transformar o pensamento, de admitirem a educação para além dos muros da escola/universidade. O educador/aluno/gestor democrático rompe com ações e atitudes coloniais em prol de ambientes colaborativos, aliada e articulada com a vida real, com o respeito ao outro, à (super)diversidade. O educador democrático que busca decolonizar as mentes em tempos sombrios e de caos, compartilha conhecimento e questiona a construção de certas formas de conhecimentos que sempre estiveram disponíveis à elite. Ao questionar e estimular uma outra aprendizagem que distingue e une, cria-se o que hooks⁴ (2019) apresenta como o espírito de estudar para aprender para além da sala de aula, como uma experiência que enriquece a vida em sua integridade e transforma a sua realidade. Nas palavras da autora:

[...]. Nos últimos anos, todos temos sido desafiados enquanto educadores a examinar os modos pelos quais apoiamos, consciente ou inconscientemente, as estruturas de dominação existentes. E todos também temos sido encorajados por educadores democráticos a estarmos mais atentos, a fazermos escolhas mais conscientes. Podemos inadvertidamente conspirar com as estruturas de dominação por causa do modo como o aprendizado está organizado em instituições. Ou podemos reunir materiais didáticos que não sejam preconceituosos e ainda assim apresentá-los de forma tendenciosa, reforçando as hierarquias opressivas existentes. (HOOKS, 2019, p. 187-188)

Ao examinarmos cuidadosamente os modos como nos apoiamos diante das estruturas de dominação existentes, vemos, cada vez mais, a necessidade de uma educação com vistas para a ação como ato responsável, da transformação do pensamento, da desaprendizagem, da decolonização das mentes e dos corações conforme apresentados neste texto, por ser **na/pela/com a educação** o único lugar onde as pessoas podem encontrar o “apoio para adquirir uma consciência crítica, para assumir qualquer compromisso com o

⁴ Durante a escrita deste texto, soubemos do falecimento da importante ativista do movimento negro estadunidense, bell hooks. A autora deixará em nós a oportunidade de refletir sobre seus escritos, que dentre eles podemos citar: *Meu crespo é de rainha*, obra infantil em que a autora mostra a importância da formação da representatividade negra entre crianças, *Teoria feminista da margem ao centro*, discussão de hooks sobre a reflexão em torno de perspectivas feministas em diálogos que os diferentes quererem desenvolvidos por mulheres negras, *Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*, um olhar de hook sobre a representatividade feminina negra nas sociedades contemporâneas, *Olhares negros: raça e representação*, destaque de hooks para questões de representatividade negra, entre outros textos que deixam a escritora e ativista imortal, possibilitando que outras gerações possam compreender as agruras pelas quais passam pessoas, cujos corpos não têm relação com o “super-humano” da modernidade.

fim da dominação” (HOOKS, 2019, p. 188).

Em sua última obra publicada no Brasil, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, hooks (2021) enfatiza a necessidade de adotarmos a prática do pensamento crítico e, nessa prática, estabelecer algum grau de avaliação crítica, tanto de si, quanto do outro, no intuito de engajar pessoas de tal forma que haja o autoquestionamento sobre suas práticas, seus valores, suas crenças. Enfim, vamos, assim como propõe a autora diretamente e outros, diluídos neste texto com perspectivas semelhantes, **ensinar a transgredir**.

Seja o não visto, ou o que se revelará, como diz a música do Caetano que abre este texto, concentramos na ação educativa como possibilidade de contribuir para a inserção de espaços para diferentes vozes, não de forma essencializante ou para promover qualquer tipo de outorga de substituição de uma voz por outra, para “não surpreender a todos não por ser exótico”, mas para conclamar a todos a um projeto político-linguístico-identitário que subsidie as nossas ações do fazer estudos da linguagem, à maneira de bell hooks, de forma crítica, sensível e, sobretudo, humanitária.

Portanto, esta apresentação da Revista Geadel pretende, por meio das diferentes vozes que compõem os textos publicados em seu periódico e dos eventos ocorridos em 2021, assim como de seus pesquisadores que atuam no contexto acreano e assinam abaixo, fraturar e remodelar nossas mentes em tempos sombrios para que diante das lutas, das inquietações e das (re)existências, possamos esperar para reagir diante do que aparenta não ter saída (FREIRE, 1997), de ressignificar a palavra balbúrdia como palavra ativa, viva e evidenciar os trabalhos dos educadores na pesquisa, no ensino e na extensão (OLIVEIRA; SILVA-ANTUNES, 2021, p. 200) nos diferentes cantos do país e, por que não, para dar o nosso grito de BACURAU (2019).

Referências

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019. (132 min).

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boi Tempo, 2013.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas**, v. 9, n. 1, jan-jun, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HOOKS, Bell. Educação democrática. In: CÁSSIO, F. (Org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 184-192.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em uso. In. MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática docente. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM, 2019.

MACHADO, Antonio. **Proverbios y cantares. Provérbios e cantares**. Trad. Ronald Polito. Belo Horizonte: 2009. Plaquete comemorativa dos 70 anos da morte do poeta.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

OLIVEIRA, Grassinete C. de Albuquerque; SILVA-ANTUNES, Paula Tatitana da. As balbúrdias nas Universidades Públicas: Entre a educação-resistência e a (des)educação dos Ministros da Educação do Brasil. In: TANZI NETO, Adolfo. (Org.) **Linguística Aplicada de Resistência**: transgressões, discursos e política. Campinas, SP: Pontes Editora. 2021, p. 177-204.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral**: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTOS, Leonardo Honorato. **A Floresta, a cidade e o rio**: uma análise sociosemiótica multimodal do discurso da relação entre a Natureza e a cidade na planta da capital do Departamento do Alto Juruá, do ano de 1906. Dissertação de Mestrado. Cruzeiro do Sul: UFAC, 2021.

SOUZA, Shelton Lima. **POVO E LÍNGUA JAMINAWA (variedade de Kayapucá)**: da realidade social às formas linguísticas e às categorias Aspecto-temporal, Modo e Negação. 2017. 261f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, Shelton Lima.; SILVA-ANTUNES, Paula Tatiana da. Ensino e aprendizagem de Português como língua estrangeira, segunda língua/língua adicional: diálogos com estudos de língua(gens) de caráter multi/inter/trans/indisciplinar. **Muiraquitã**, v. 7, p. 2-9, 2019.

SOUZA, Shelton Lima (Org.). **Nuku Tsaima Shidipãwawu Yuwia Xixidawu**. Rio Branco: Nepan, 2020.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; DE SOUZA, Shelton Lima. O (des)pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 8, n. 2, p. 889–903, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 18 dez. 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. Tradução: Oira Bonilla; Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, N-1-Edições, [2009] 2018.

Shelton Lima de **SOUZA** (GEADEL/UFAC)⁵

Grassinete C. de A. **OLIVEIRA** (GEADEL/UFAC)⁶

Aline **KIELING** (GEADEL/UFAC)⁷

Maristela Alves de Souza **DINIZ** (GEADEL/UFAC)⁸

Paula Tatiana da **SILVA-ANTUNES** (GEADEL/UFAC)⁹

⁵ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>; shelton.linguista@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; grassinete@hotmail.com

⁷ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre e Bolsista CAPES Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5993-5834>; alinekjuliano@gmail.com

⁸ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-3847>; malvesdiniz1@gmail.com

⁹ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7372-8153>; paula.antunes@ufac.br